

Gutman Uchôa de Mendonça

Escreve aos sábados e às terças-feiras neste espaço
Site: www.uchoademendonca.jor.br

/// O bloqueio de ruas, avenidas, rodovias, terminais rodoviários e garagens de coletivos, sob o comando da CUT, não foi uma demonstração de democracia

O uso da força bruta

O que vocês, leitores, viram pelas cidades brasileiras no dia 11 de junho de 2013, o bloqueio de ruas, avenidas, rodovias, terminais rodoviários e ferroviários, garagens de coletivos, impedindo que pessoas pudessem ir e vir, gozar seus direitos à liberdade, sob os auspícios da CUT, não foi uma demonstração de democracia, mas um estupro aos seus direitos, um acinte insuportável, com insulto ao direito.

Esses gatos pingados que bloquearam ruas, avenidas, rodovias são o retrato do Brasil da atualidade.

Pelo volume de baderneiros espalhados pelos pontos estratégicos das cidades bloqueadas sabe-se que houve uma cômica tacita das autoridades governamentais que até esperavam que o “movimento” cutista fosse de “alta envergadura”, que mostrasse uma robustez intimidativa, fosse uma espécie de demonstração de força de uma parcela de trabalhadores em benefício da imagem



do governo, alquebrado pelos mais tristes episódios de roubo de que se tem notícia em todo mundo.

Um sistema policial inerte, observador (participativo), ficou à espreita, com vontade de ir para casa, para não mostrar seu alheamento de forma tão acinতোসা. O movimento foi pacífico? Foi. Pela educação dos participantes? Não. Pela falta de volume de manifestantes, pela expressiva falta de apoio, simplesmente porque faltou legitimidade. Os promotores não merecem fé.

Os refrãos ensaiados, velhos e batidos, mostraram reivindicações dos que têm pavor ao trabalho, não possuem grandeza e muito menos determinação nas suas reivindicações. São teleguiados, servis.

A luta pela redução de jornada de trabalho, de manutenção de direitos trabalhistas arcaicos que destroem a capacidade de desenvolvimento nacional, é típico das forças sindicalistas que cultivam o ódio por excelência, se desesperam, em ver surgir os ventos da mudança, sob a condução de uma juventude que está banindo de seu círculo esses tipos inconsequentes, esses aproveitadores do sindicalismo de resultados.

O Brasil vai mudar, precisa mudar, mas sem a participação dessa gente irresponsável.

Roberto Garcia Simões

É professor da Ufes e especialista em políticas públicas
E-mail: roberto.simoes@ufes.br

/// Será que a manifestação das ruas direcionará uma nova mobilidade na Grande Vitória? É preciso outra circulação de ideias e de projetos

Mobilidade atrasada

Para dar passagem à mobilidade desejada por pedestres, ciclistas e usuários do transporte coletivo, é preciso outra circulação de ideias e de projetos.

1. Shoppings – grandes estacionamentos? O maior arranha-céu da União Europeia, The Sard, com 72 pavimentos, abriga apartamentos, escritórios, hotel – e só tem “48 espaços para estacionar”. Muda-se, assim, a interação: grandes empreendimentos – pólos de atração de carros.

2. Espaços públicos, como a Praça do Cauê, para veículos? Em Nova York, na Broadway, “os carros perderam três pistas, convertidas em ciclovias e calçadas”. Aqui, a última e única via movimentada fechada foi a Rua Sete (Centro de Vitória). Domina a ampliação de espaço para o automóvel.

3. Fim do pedágio na 3ª Ponte? O modal beneficiado é o transporte individual. Como em outras cidades no mundo, por que não repensar o seu significado e definir valor módico para contribuir no financiamento, com controle social, do transporte coletivo?

4. Despoluir e fechar, na Grande Vitória, os “valões”? Em Seul, a avenida que cobria o Rio Cheonggyecheon foi

destruída e substituída por um parque – ganhando o prêmio Transporte Sustentável, em 2006.

5. Estacionamento rotativo para quê? Em Barcelona, as taxas vão para o Bicing, sistema de bicicletas. Que tal adotar esta combinação?

E os projetos para a Grande Vitória?

6. Túnel na Baía de Vitória e 4ª Ponte? Propostos no governo Hartung, prosseguem no governo Casagrande, a resposta é: “os gestores públicos não poderão insistir na construção de mais pontes e viadutos, privilegiando o uso do automóvel, em vez de construir novos corredores de ônibus ou mais estações de metrô”. Não há recursos para o investimento ambíguo: transportes individual e coletivo.

7. Aquaviário – Audiência pública para uma “parceria público-privada” (Quinta, Álvares Cabral, 19h30). Em 30/12/2011, o governador Casagrande adiava a operação subsidiada de 2012 para 2013 (G1). Em 06/10/2011, o secretário de Transportes, Fábio Damasceno, divulgou o uso de “cattamarãs de 22 metros”, velocidade de 26 nós. Antes, em 2008, o governo Hartung afirmou: “o aquaviário voltará a funcionar”. Atraso total: seis anos.

8. Corredores de ônibus. A lentidão se repete. Em 29/05/2009: “projetos detalhados comecem a ser elaborados em 2009 e as primeiras obras se iniciem em 2012”. Até agora, os projetos não estão nem licitados.

Será que a manifestação das ruas direcionará uma nova mobilidade na Grande Vitória?